

“Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis*

James N. Green**

Resumo

O movimento de gays, lésbicas e travestis surgiu em 1978 no meio da abertura política e da oposição à ditadura militar. A publicação do jornal mensal *Lampião da Esquina* voltado aos homossexuais, e as influências de movimentos políticos e sociais nacionais e o movimento gay-lésbicas internacional inspiraram a formação em São Paulo do Grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – a primeira organização política dos gays e lésbicas duradoura e bem-sucedida no país. Em seguida, surgiram outros grupos, mas divergências políticas sobre os rumos do movimento desanimaram muitos participantes, levando a um declínio dramático de atividades no começo dos anos 80. A resposta à AIDS e à violência contra gays, lésbicas e travestis, em meados dos anos 80, reanimou o movimento que começou a se reorganizar nos anos 90, formando a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, que expandiu sua participação internacional e organizou a marcha de 110000 em São Paulo em junho de 2000.

Palavras-chave: Gays, Lésbicas, Travestis, Movimento Homossexual, História.

* Uma versão deste artigo foi publicado em ADAM, Barry D., Duyvendak, Jan Willem e KROUWEL, André. *The Global Emergence of Gay and Lesbian Politics: National Imprints of a Worldwide Movement*. Philadelphia, Temple University Press, 1999. (Tradução: Raul Reis.) Recebido para publicação em agosto de 2000.

** Professor associado de história na California State University, Long Beach.

Mais amor e mais tesão

“More Love and More Desire”:
The Building of a Brazilian Movement of Gays, Lesbians and Transvestites

Abstract

The movement of gays, lesbians and transvestites emerged in 1978 in the midst of the political liberalization and opposition to the military dictatorship. The publication of the monthly newspaper *Lampião da Esquina* directed toward gays, the influences of national political and social movements and the international gay and lesbian movement inspired the founding in São Paulo of *Somos (We Are): Homosexual Affirmation Group*. Soon thereafter other groups came into being, but political differences about the direction of the movement discouraged many participants and there was a dramatic decline in activities at the beginning of the 80s. In response to AIDS and violence against gays, lesbians and transvestites in the mid-80s, the movement took on new life and began to reorganize in the 90s, forming the Brazilian Association of Gays, Lesbians, and Transvestites, expanding its participation in international activities, and organizing the march of 110,000 in São Paulo in June 2000.

Key words: Gays, Lesbians, Transvestites, Homosexual Movement, History.

O ano de 1978 foi um ano mágico para o Brasil. Após mais de uma década do regime militar, a queda dos generais parecia iminente. Centenas de milhares de metalúrgicos, após anos de silêncio, cruzaram os braços para protestar contra a política salarial do governo. Estudantes encheram as ruas das maiores cidades brasileiras com gritos de “Abaixo a Ditadura!”. Estações de rádio começaram a tocar músicas censuradas, e estas se tornaram as canções mais populares no país. Negros, mulheres e até mesmo homossexuais começaram a se organizar, exigindo ser ouvidos.

Durante o longo verão entre 1978 e 1979, uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejaram o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil. As reuniões se alternavam entre sessões de conscientização e discussões. Os participantes, na maioria homens gays, mas também algumas lésbicas que iam e vinham, debatiam as últimas matérias contra os homossexuais publicadas pelo jornal escandaloso *Notícias Populares*, e a resposta que deveria ser dada pelo novo grupo, Ação pelos Direitos Homossexuais. Eles também liam cuidadosamente cada número da recém-lançada publicação mensal *Lampião da Esquina*. Este novo jornal, de tamanho tablóide, era produzido por um grupo de escritores e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, e se declarava um veículo para discussão de sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, e machismo.

Conforme o verão se prolongava, o nome do grupo se tornou o centro das controvérsias. Será que o nome Ação pelos Direitos Homossexuais desencorajava novos membros de participarem porque declarava de forma muito audaciosa a agenda política do grupo? Talvez o caráter político do nome fosse a razão pela qual só dez ou doze pessoas vinham para as reuniões semi-secretas. Alguns queriam mudar o nome do grupo para Somos, em homenagem à publicação da Frente de Liberação Homossexual Argentina, o primeiro grupo pelos direitos gays na

Mais amor e mais tesão

América do Sul, que surgiu em Buenos Aires em 1971, e desapareceu na longa noite da ditadura militar, em março de 1976. Outros propunham um nome que claramente expressasse o propósito da organização: Grupo de Afirmação Homossexual. Nomes que incluíssem o termo “gay” eram sumariamente rejeitados, com a justificativa de que imitavam o movimento norte-americano.

O nome final – Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – foi o meio termo que o grupo adotou e estreou durante um debate em 6 de fevereiro de 1979, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. O debate foi parte de uma série de discussões sobre o tema de organização das “minorias” brasileiras – em referência às mulheres, os negros, os povos indígenas, e os homossexuais – e acabou sendo também o evento em que o movimento de gays e lésbicas do Brasil “se assumiu”. O painel sobre homossexualidade contou com a presença de editores do jornal *Lampião* e de membros do Somos. Mais de 300 pessoas lotaram o auditório. A discussão que se seguiu foi eletrizante, com a troca de farpas e acusações entre os estudantes de esquerda e os representantes homossexuais. Pela primeira vez, lésbicas falavam abertamente sobre a discriminação que encontravam. Estudantes gays reclamavam que a esquerda brasileira era homofóbica. Defensores de Fidel Castro e da revolução cubana argumentavam que a luta por direitos específicos, contra o sexismo, racismo e homofobia, iria dividir a esquerda. Eles argumentavam que o povo devia se unir na luta geral contra a ditadura.

A primeira controvérsia dentro do movimento homossexual brasileiro começava a se delinear. Os discursos já tinham sido apresentados. Dentro de um ano, questões táticas sobre alinhamento com outros movimentos sociais ou manutenção da autonomia política e organizacional iria rachar o Somos, então o maior grupo de direitos homossexuais no país, deixando outras organizações espalhadas pelo país desanimadas e sem direção.

Poucos dos que participaram do debate poderiam prever, entretanto, a rápida explosão do movimento homossexual na

arena política brasileira. Em pouco mais de um ano, cerca de mil lésbicas e gays lotavam o teatro Ruth Escobar, no centro de São Paulo, para a cerimônia de encerramento do Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados. Um mês depois, no 1º de maio de 1980, com a cidade cercada pelo 2º Exército e em estado de sítio, cerca de 50 ativistas homossexuais marcharam pelas ruas de São Bernardo do Campo, junto com milhares de outros participantes, unidos em comemoração ao Dia Internacional dos Trabalhadores, durante uma greve geral. Quando o grupo entrou no estádio de futebol da Vila Euclides, foi ovacionado por milhares de participantes.¹ Seis semanas mais tarde, cerca de mil gays, lésbicas, travestis e prostitutas marcharam pelo centro de São Paulo em protesto à violência policial, cantando “Abaixo a repressão – mais amor e mais tesão”. Um movimento político tinha nascido.²

¹ Como no debate da USP no ano anterior, a questão de participar no 1º de maio de 1980 dividiu o Somos e provocou polemicas no jornal Lampião. Aqueles que participaram na passeata argumentaram que a luta pelos direitos de gays e lésbicas e o movimento contra a ditadura militar estavam interrelacionados. Sem democracia, os objetivos das organizações gays e lésbicas dificilmente seriam alcançados. Os oponentes da participação do Somos no 1º de maio organizaram um piquenique no zoológico naquele dia, e se separaram do grupo algumas semanas depois, argumentando que a classe trabalhadora e os dirigentes sindicais eram homofóbicos e que Somos era controlado pela esquerda. Em vez de participar na política no dia internacional do trabalhador, eles insistiram que gays e lésbicas deveriam aproveitar esta festa com seus amigos como os milhares de trabalhadores que não protestaram contra a política da ditadura militar naquele dia. Ver GREEN, James N. The Emergence of the Brazilian Gay Liberation Movement, 1977-1981. *Latin American Perspectives*, vol. 21, nº 1, winter 1994, pp.38-55; MACRAE, Edward. Homosexual Identities in Transitional Brazilian Politics. In: ESCOBAR, Arturo e ALVAREZ, Sonia E. (eds.) *The Making of Social Movements in Latin America: Identity, Strategy and Democracy*. Boulder, Westview Press, 1992, pp.185-203; TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso*. São Paulo, Max Limonad, 1986.

² Ver MOTT, Luiz R. B. The Gay Movement and Human Rights in Brazil. In: MURRAY, Stephen O. (ed.) *Latin American Male Homosexualities*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1995, pp.221-30.

Mais amor e mais tesão

Quinze anos depois, em junho de 1995, mais de 300 delegados representando grupos homossexuais da Ásia, Europa, das Américas e do Caribe, encontraram-se no Rio de Janeiro para participar da *17ª Conferência Anual da International Lesbian and Gay Association (ILGA)*. Na cerimônia de abertura, a deputada federal Marta Suplicy (PT) lançou a campanha nacional pela parceria civil e por uma emenda constitucional proibindo a discriminação com base na orientação sexual. No fim da semana, os delegados, junto com milhares de participantes e simpatizantes, encerraram a convenção celebrando o 26º aniversário da revolta de *Stonewall* com uma caminhada pela Avenida Atlântica. Uma enorme faixa exigindo “Cidadania Plena para Gays, Lésbicas e Travestis” abriu a passeata. Um grupo de mulheres carregando uma faixa exigindo “Visibilidade Lésbica” se seguiu, arrancando aplausos dos observadores. *Drag queens* provocavam e paqueravam com a audiência, em cima de um ônibus escolar cor-de-rosa, *a la Priscilla* e dois caminhões emprestados pelos bancários. Muitos participantes vestiam máscaras e fantasias carnavalescas. Uma bandeira do arco-íris de 125 metros balançava ao vento. No final da passeata, participantes emocionaram-se ao cantar o hino nacional, e foram finalmente dispersados por uma chuva fina. O movimento chegou à maioria.

Legal, mas nem tanto

Embora as leis coloniais brasileiras considerassem sodomia um pecado, que podia ser punido pelas chamas da fogueira, o Código Penal Imperial de 1830 eliminou todas as referências à sodomia.³ Entretanto, leis dos séculos XIX e XX restringiram o comportamento homossexual. Adultos engajados em atos sexuais com outros adultos num local público poderiam ser indiciados por

³ PIERANGELLI, José Henrique. (ed.) *Códigos penais do Brasil: evolução histórica*. Barro, Jalovi, 1980, p.26.

offender os bons costumes, com exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos, attentatorios do pudor, praticados em lugar publico ou frequentado pelo publico, e que, sem offensa á honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade.⁴

Essa provisão, revisada de um código penal anterior, criou bases legais para controlar qualquer manifestação pública de comportamento homo-erótico ou homo-social. Com critérios abrangentes, a polícia e os juizes podiam punir ações “inapropriadas” ou “indecentes” que não se conformassem com construções heterocêntricas. Outra medida para regular manifestações públicas de homossexualidade era a de acusar pessoas de vadiagem. A polícia podia prender qualquer pessoa que não tivesse como provar sua subsistência ou domicílio certo, ou “prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes”.⁵

Essas duas medidas legais deram à polícia o poder de encarcerar arbitrariamente os homossexuais que expressassem publicamente sua feminilidade, usassem roupas ou maquiagem feminina, ganhassem a vida através de prostituição, ou que usassem um cantinho escuro de uma praça pública para um encontro sexual noturno. Códigos criminais com noções de moral e decência pública vagamente definidas e provisões que controlavam estritamente a vadiagem forneceram uma rede jurídica pronta para capturar aqueles que transgredissem as normas sexuais aprovadas socialmente. Embora a homossexualidade em si não fosse tecnicamente ilegal, a polícia brasileira e os tribunais dispunham de múltiplos mecanismos para conter e controlar este comportamento.

⁴ ID., IB., p.301.

⁵ ID., IB., p.316.

Mais amor e mais tesão

A vida gay e lésbica antes dos anos 70

O Brasil passou por mudanças dramáticas nos anos 50 e 60. Milhões de camponeses e trabalhadores migraram em massa para as grandes metrópoles, a produção industrial expandiu-se, oferecendo empregos e novos produtos para o mercado doméstico. Cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo eram ímãs atraindo homossexuais do interior que buscavam o anonimato das grandes cidades, longe do controle familiar. Eles se juntaram com os nativos das cidades grandes para formar sub-culturas homossexuais urbanas.

Naquela época, a construção tradicional de gêneros relacionada à homossexualidade era (e em grande parte ainda é) hierárquica e baseada em papéis sexuais. Homens que mantinham atividades sexuais com outros homens se dividiam em duas categorias: o homem “verdadeiro” e a bicha. Essa oposição binária refletia as categorias heterossexuais tradicionais de *homem* e *mulher*, em que o homem era considerado “ativo” nos encontros sexuais e a mulher, sendo penetrada, era “passiva”.⁶ O antropólogo Richard Parker observou:

A realidade física do próprio corpo divide assim o universo sexual em dois. As diferenças anatômicas conhecidas são transformadas através da linguagem, nas categorias hierarquicamente relacionadas de gênero definido social e culturalmente: nas classes de masculino e feminino... construídas com base na percepção da diferença anatômica, é essa distorção entre atividade e passividade que estrutura mais claramente as noções brasileiras de masculinidade e feminilidade, e que têm servido tradicionalmente como o princípio organizador para o

⁶ Ver FRY, Peter. *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

mundo muito mais amplo de classificação sexual da vida brasileira atual.⁷

Segundo este modelo, em atividades eróticas homossexuais tradicionais o homem, ou na gíria o bofe, assume o papel ativo no ato sexual, e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado (bicha) é o passivo, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da “mulher”, enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem.⁸

Similarmente, mulheres que transgrediram as noções tradicionais de feminilidade, manifestando características masculinas, expressando a sua independência ou sentindo desejo sexual por outras mulheres, são marginalizadas. A rejeição de muitas lésbicas dos papéis femininos tradicionais, incluindo a

⁷ PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões; cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1992, p.70. (Tradução: Maria Therezinha M. Calvallari.) Boa parte dos modelos teóricos de Parker inspiraram-se na obra pioneira de Peter Fry, antropólogo inglês e antigo residente no Brasil que iniciou o estudo acadêmico da homossexualidade e dos sistemas brasileiros de gênero na metade dos anos 1970. Ver FRY, Peter. *Para inglês ver...* Op. Cit.; FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983; PARKER, Richard. *Beneath the Equator: Cultures of Desire, Male Homosexuality, and Emerging Gay Communities in Brazil*. New York, Routledge, 1999.

⁸ Ver MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979. O antropólogo Stephen O. Murray questionou a afirmação de que os homens “verdadeiros” mantêm seus status social desde que não transgridam seu papel sexual atribuído. Ele argumenta que aventuras homossexuais praticadas por homens que assumem o papel “ativo” podem não estar tão livre de sanções como alguns observaram. Ver Machismo, Male Homosexuality, and Latin Culture. In: MURRAY, Stephen O. (ed.) *Latin American Male Homosexualities*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1995, p.59.

Mais amor e mais tesão

“passividade”, colocaram-nas fora do paradigma dominante do gênero. A expressão pejorativa “sapatão” reflete este mal-estar social contra a mulher forte e masculinizada.⁹

Até o fim dos anos 50, não existiam bares dirigidos exclusivamente ao público gay ou lésbico. Encontros públicos homossexuais centravam-se em parques, praças, cinemas, banheiros públicos ou à ocupação tênue de restaurantes, cafés, ou partes de praias. Já que muitas pessoas solteiras moravam com suas famílias até o casamento, encontros sexuais muitas vezes ocorriam em quartos alugados, ou em casas de amigos. Pequenas festas, *shows* de travestis realizados em casas particulares, e fins-de-semana no campo ou na praia ofereciam um espaço livre de controle social.

O carnaval era um momento durante o ano quando gays podiam expressar-se livremente. Lésbicas, embora muito mais limitadas por normas sociais, também apropriaram o carnaval para expressar de forma leve seus desejos em público. Durante quatro dias, os bailes dos travestis, homens vestidos de mulher em público e comportamento extravagante e audaz reinavam. Nos anos 50, o baile das bonecas no Rio atraía um público internacional. Gays vinham de toda a América do Sul para participar na folia e assistir homens com plumas e paetês competirem para ser coroados a deusa mais *glamourosa* e bela das celebrações carnavalescas. Carnaval era um momento único durante o ano quando tudo era permitido.

Homossexualidade durante a ditadura militar

A sub-cultura gay e lésbica das grandes cidades inicialmente foi pouco afetada pelo golpe militar. Alguns homossexuais que eram militantes de esquerda sofreram repressão não pela sua sexualidade, mas por seu posicionamento ideológico e seu engajamento político. Bares recentemente abertos que serviam a

⁹ FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Op. cit., pp.101-13.

uma clientela gay e lésbica mantiveram um espaço para socialização. *Shows* de travestis, que se iniciaram nesses bares, atingiram um público mais amplo, com apresentações de teatro, e alguns destes transformistas tornaram-se personalidades públicas. Um dos grupos sociais que manteve festas particulares publicou, entre 63 e 69, 100 números de uma revista chamada *O Snob*. O sucesso deste boletim mimeografado, com colunas de fofocas e figuras de homens vestidos de mulher nas capas inspirou a publicação de outras 30 revistas no Rio e no resto do país, e a formação da Associação Brasileira da Imprensa Gay, que durou de 67 a 68.¹⁰

As notícias do surgimento do movimento de libertação gay em 69, após a rebelião de *Stonewall* em Nova York, chegaram à América Latina no começo dos anos 70, e incentivaram a formação de grupos na Argentina, México e Porto Rico. Contudo, a repressão militar no Brasil impossibilitou a formação de um movimento gay e lésbico no país. A publicação informal de *O Snob* e os seus imitadores pararam de circular porque seus editores temiam ser confundidos com grupos clandestinos de esquerda sendo brutalmente reprimidos naquele momento.¹¹ A censura moralista do governo militar limitava referências à homossexualidade na imprensa. Embora algumas publicações alternativas produzissem matérias ocasionais referentes ao “gay power” nos Estados Unidos, a formação de um movimento político no Brasil parecia impossível.

Enquanto os militares controlavam o governo, as transformações sociais e culturais que ocorriam no país iriam afetar as noções de gênero e homossexualidade. Cantores como Caetano Veloso, Maria Bethania e Ney Matogrosso apresentavam uma imagem andrógina que transgredia os papéis sexuais, e implicava um desejo bissexual. Valores boêmios e contraculturais que enfatizavam a liberdade sexual individual começaram a

¹⁰ Agildo Guimarães, entrevistado pelo autor, 6 de outubro de 1994.

¹¹ Anuar Farah, entrevistado pelo autor, 25 de julho de 1995.

Mais amor e mais tesão

influenciar os intelectuais e estudantes. A cultura da juventude que desafiava valores tradicionais de sexualidade e gênero permeava a classe média urbana.

Já em 1974, a ditadura militar enfrentava problemas sérios, entre outros, a crise econômica e o crescimento da oposição nas eleições. Nessa época, novas formas de resistência surgiram. Estudantes reativaram os organismos de autogestão nas universidades e mobilizaram-se contra a ditadura. O movimento operário se reorganizou, mobilizando uma onda de greves. Muitas mulheres que tinham participado na oposição clandestina contra os militares começaram a criticar publicamente o sexismo da esquerda, levantando ideais feministas.¹² O movimento negro unificado emergiu, desafiando a ideologia predominante de que o Brasil era uma democracia racial.¹³ Em 78, enfrentando uma oposição mais unida, os militares resolveram acelerar o processo de abertura gradual.

A primeira onda do movimento gay e lésbico

Dentro deste clima político e social, ativistas gays fundaram primeiro o jornal *Lampião* e logo depois o grupo Somos. Nos próximos dois anos, Somos inspirou a formação de pelo menos sete outros grupos, que se reuniram em São Paulo por ocasião do Primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, em abril de 1980. Os grupos, na sua maioria, eram pequenos e dirigidos por estudantes, bancários, funcionários públicos e intelectuais da classe média baixa. Alguns tinham participado em grupos clandestinos da esquerda, que sobreviveram aos piores anos da ditadura. Eles trouxeram para o movimento tanto sua experiência como ativistas e organizadores, como suas

¹² Ver ALVAREZ, Sonia. *Engendering Democracy in Brazil: Women's Movements in Transition Politics*. Princeton, Princeton University Press, 1990.

¹³ Ver HANCHARD, Michael George. *Orpheus and Power: The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, 1945-1988*. Princeton, Princeton University Press, 1994.

preocupações da crítica freqüente da esquerda contra a homossexualidade como produto da decadência burguesa.

Em maio de 80, Somos se dividiu quanto à participação nas mobilizações operárias e no papel da esquerda no movimento gay. O entusiasmo de ativistas que tinham sucedido em organizar tanto um encontro nacional de sucesso quanto mobilizações contra a repressão policial, dissiparam-se. Aqueles que se opunham à construção de alianças com o movimento operário e a esquerda formaram um novo grupo em São Paulo, que se chamava Grupo Outra Coisa: Ação Homossexualista. As lésbicas do Somos, que já tinham organizado um coletivo autônomo dentro da organização, saíram do grupo para formar uma entidade independente, o Grupo Lésbico Feminista, onde elas podiam organizar suas atividades sem preocupar-se com sexismo em um grupo dominado por homens. Somos-Rio de Janeiro, que nasceu inspirado pelo Somos-São Paulo, também se dividiu por causa de disputas na liderança. Os principais editores do *Lampião* atacavam as organizações de ativistas no momento em que a circulação do jornal caía dramaticamente. A publicação parou de sair em meados de 81, e nos próximos três anos a maioria dos grupos desapareceram. No auge do movimento, em 81, 20 grupos existiam no país. Em 84, somente sete sobreviveram, e apenas cinco participaram do Segundo Encontro de Homossexuais Organizados, que se realizou em Salvador.¹⁴

Vários fatores contribuíram para o declínio do movimento. Com algumas exceções, os grupos nunca passaram de várias dezenas de membros em um determinado momento. Faltavam recursos financeiros e infra-estrutura. Alguns dos dirigentes iniciais perderam o estímulo quando os grupos não demonstraram um crescimento significativo. Outros ativistas não tinham experiência previa para sustentar os grupos durante a “década perdida” dos anos 80, quando a crescente dívida externa causou inflação

¹⁴ A história do “EBHO”: Encontro Brasileiro de Homossexuais (continuação-II), *Boletim do Grupo Gay da Bahia* 13, nº 27, agosto de 1993, p.7.

Mais amor e mais tesão

galopante e desemprego maciço. O fim da ditadura em 85 criou a falsa idéia de que a democracia tinha sido restaurada, e os direitos dos homossexuais e outros setores da sociedade iam expandir-se sem dificuldades. A imprensa, o rádio e a televisão disseminavam uma imagem mais positiva da homossexualidade, e ofereciam um veículo para que as poucas figuras públicas do movimento articulassem seu ponto de vista. O crescente consumo gay, que incluía boates, saunas e bares, também sustentou uma ilusão de que a sociedade se tornava cada vez mais livre e que a organização política de gays e lésbicas não era mais necessária.¹⁵

Durante este marasmo, o grupo Ação Lésbica Feminista, fundado em 1981, integrou-se ao movimento feminista. O grupo também manteve um perfil público através da publicação do boletim *Chanacomchana* e da participação em conferências lésbicas internacionais.¹⁶ Luiz Mott, professor de antropologia e fundador do Grupo Gay da Bahia (atualmente o grupo mais antigo do país), sucedeu a direção do movimento desnordeado através de campanhas importantes, permitindo a expansão do movimento no final dos anos 80. A primeira vitória do Grupo Gay da Bahia foi o reconhecimento jurídico do grupo. A segunda campanha convenceu o Conselho Nacional de Saúde a abolir a classificação que categorizava homossexualidade como uma forma tratável de desvio sexual. Liderada por Mott, a campanha conseguiu o apoio de organizações profissionais importantes e varias Assembléias Legislativas. Intelectuais e personalidades importantes assinaram um abaixo-assinado nacional exigindo a revogação da classificação. Em fevereiro de 1985, o conselho removeu a homossexualidade da categoria de doenças tratáveis.¹⁷

¹⁵ Blander, Mario. Lucros do lazer gay: os donos da noite descobrem novo filão. *Isto É*, 27 de abril de 1983, pp.76-77.

¹⁶ MARINHO, Miriam. Brazil. In. ROSENBLOOM, Rachel. (ed.) *Unspoken Rules: Sexual Orientation and Women's Human Rights*. San Francisco, International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1985, p.22.

¹⁷ MOTT, Luiz R. B. The Gay Movement and Human Rights in Brazil. Op. Cit., pp.222-23.

Durante a Assembléia Constituinte de 87 e 88, João Antônio de S. Mascarenhas, um editor de *Lampião*, e fundador do Grupo Triângulo Rosa no Rio, organizou uma campanha para incluir uma medida proibindo discriminação baseada na orientação sexual. A campanha recebeu o apoio do Grupo Lambda de São Paulo e do Grupo Gay da Bahia. Em 28 de janeiro de 1988, 461 dos 559 membros da Constituinte votaram, porém somente 130 apoiaram a provisão que proibia a discriminação. Vinte cinco dos 33 pastores evangélicos da Constituinte votaram contra a medida. A bancada da esquerda, incluindo o PT, apoiou a proibição da discriminação baseada na orientação sexual.¹⁸ Desde essa derrota, leis similares têm sido incluídas nas constituições de vários estados e em mais de 100 municípios brasileiros, mas até recentemente faltavam a estas medidas mecanismos para punir infratores.

Violência e AIDS

Embora a maioria dos gays e lésbicas achassem que não era necessária a organização política durante o processo de aparente liberalização que acompanhou a volta à democracia, o crescimento dramático da infecção de HIV e a onda de violência contra gays, travestis e lésbicas revelou que seus direitos eram precários dentro de um regime democrático. O primeiro caso de AIDS foi diagnosticado no Brasil em 1982, e a maioria dos brasileiros associou HIV e AIDS com gays ricos com recursos para viajar para os Estados Unidos e Europa. A realidade era bem diferente. Segundo Richard Parker, ex-diretor da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS,

A acelerada mudança da transmissão [de HIV] predominantemente homossexual e bissexual para uma transmissão heterossexual cresceu rapidamente depois da primeira década, e torna-se ainda mais marcante quando

¹⁸ Ver MASCARENHAS, João Antônio de Souza. *A tríplice conexão: Machismo, conservadorismo político e falso moralismo, um ativista guei versus noventa e seis parlamentares*. Rio de Janeiro, 2AB Editora, 1997.

Mais amor e mais tesão

os casos de AIDS reportados são vistos durante um longo período de tempo. Enquanto os homens homossexuais representavam 46.7% e bissexuais 22.1% [dos casos], homens e mulheres heterossexuais representavam apenas 4.9% do total nacional entre 1980 e 1986. Em 1991, o número de casos reportados entre homens homossexuais caiu para 22.9%, e os casos entre homens bissexuais diminuiu para 11.1%, enquanto casos reportados entre homens heterossexuais cresceu para 20.1%.¹⁹

Nos primeiros anos da epidemia, a desinformação e homofobia causaram um pânico, e a imprensa sensacionalista reportou a chegada da “peste gay”. Uma das primeiras respostas organizadas foi iniciada pelo grupo Outra Coisa: Ação Homossexualista, que tinha rachado com o Somos por causa de suas ligações com a esquerda. Seus membros distribuíram um panfleto nos bares gays e áreas de paquera em São Paulo, informando a “coletividade homossexual” como eles poderiam obter informações sobre a doença.²⁰ Ativistas também se reuniram em 1983 com representantes do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo para assegurar que oficiais de saúde pública lutando contra a epidemia não iriam discriminar contra os homossexuais.²¹

Alguns ativistas da primeira onda do movimento começaram a trabalhar em organizações voltadas a AIDS. Nos meados dos anos 80, quando a segunda geração de organizações gays emergiram, elas integraram a educação sobre AIDS em suas atividades políticas. Grupos como o Grupo Gay da Bahia, que

¹⁹ PARKER, Richard. AIDS in Brazil. In: DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. (eds.) *AIDS in Brazil: In Another World?* London, Falmer, 1993, pp.11-12. (Tradução do autor.)

²⁰ GRUPO OUTRA COISA. (Ação Homossexualista). Informe à coletividade homossexual de São Paulo. *Panfleto mimeografado*, junho de 1983.

²¹ TEIXEIRA, Paulo Roberto. Políticas públicas em AIDS. *Documento mimeografado*, s.d., p.2.

sobreviveu o marasmo do movimento, conseguiu manter-se em parte porque iniciou a luta contra a AIDS.²²

Os meados dos anos 80 também presenciaram um aumento marcante na violência contra gays, travestis e lésbicas. Luiz Mott documentou o assassinato de mais de 1.200 homossexuais masculinos e femininos e de travestis no Brasil entre meados dos anos 80 e meados dos anos 90.²³ Alguns casos envolveram mulheres assassinadas por parentes que descobriram que elas estavam tendo casos com outras mulheres.²⁴ Outros assassinatos eram jovens prostitutas (michês) que saíram com gays, os roubaram e mataram. Em 1987, por exemplo, um jovem matou mais de uma dúzia de homens no Parque Trianon em São Paulo.²⁵

A maioria desses assassinatos eram cometidos por indivíduos ou grupos não identificados que nunca foram processados. Segundo o GGB, doze grupos diferentes estiveram envolvidos em violência e assassinatos contra homossexuais.²⁶ Alguns esquadrões da morte que sobreviveram na época da ditadura militar participaram nestas ações. Como a Lei da Anistia de 1979 nunca puniu os grupos que torturaram e mataram a oposição aos militares, nunca houve um debate nacional sobre esta violência cometida por agentes do governo. Nos anos 80, esquadrões da morte e grupo similares ainda operavam com impunidade. Alguns, sem elementos “subversivos” como alvos de suas preocupações, resolveram “limpar” a sociedade brasileira da

²² Veriano Terto Júnior, entrevistado pelo autor, 24 de julho de 1995.

²³ GRUPO GAY DA BAHIA. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 1997. *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, nº 37, janeiro./fevereiro de 1998, pp.32-48.

²⁴ MARTINHO, Miriam. Brazil. Op. cit, p.18.

²⁵ Casos se repetem em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 17 Abril de 1990.

²⁶ GRUPO GAY DA BAHIA. Grupos de extermínio no Brasil. Panfleto, s.d.

Mais amor e mais tesão

“imoralidade”. Um desses grupos, a Cruzada Homossexualista, mandou cartas ameaçadoras ao Grupo Somos já em 1981.²⁷

Apenas 10% desses crimes denunciados resultam em prisões. Numa entrevista em 1995, Toni Reis, secretário geral e fundador da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, observou que em sua cidade natal, Curitiba, ocorreram vinte assassinatos documentados de homossexuais nos dez anos anteriores, com apenas duas condenações.²⁸ Aduauto Belarmino Alves, ganhador do prêmio Reebok Human Rights, documentou o assassinato de 23 homens homossexuais no Rio de Janeiro em 1994.²⁹ O relatório do Departamento de Estado norte-americano sobre os direitos humanos no Brasil, em 1993, também apontou essa violência:

Continua a haver registros de assassinatos de homossexuais. Os jornais de São Paulo publicaram que três travestis foram assassinados em 14 de março; outros relatórios alegam que 17 travestis foram mortos nos primeiros três meses de 1993. Um policial foi acusado dos assassinatos de 14 de março e estava aguardando o julgamento para o final do ano. No entanto, os grupos gays organizados afirmam que a grande maioria dos praticantes de crimes contra homossexuais permanece impune.³⁰

O sistema judicial também apóia estas ações arbitrárias contra travestis. Em outubro de 1994, o Tribunal de Justiça Militar reduziu a sentença de Cirineu Carlos Letang da Silva, ex-soldado da Polícia Militar condenado por assassinar o travesti Vanessa. O juiz que reduziu a sentença de 12 para 6 anos explicou que os

²⁷ Um pouco de nossa história. *O corpo*, nº 0, novembro de 1980, p.8.

²⁸ Toni Reis, entrevistado pelo autor, Curitiba, Paraná, 20 de janeiro de 1995.

²⁹ Aduauto Belarmino Reis, entrevistado pelo autor, 18 de julho de 1995.

³⁰ US. Congress, House, Senate, Committee on Foreign Relations and International Relations. *Country Reports on Human Rights Practices for 1993*. Elaborado pelo Departamento de Estado, 103º Cong., 2ª sess., Joint Committee Print, 1994, p.376.

travestis são perigosos. Vanessa foi atingida por tiros no nariz e nas costas.³¹

O caso que exemplifica de forma mais dramática a violência contra homossexuais no Brasil envolveu, em 1993, o assassinato de Renildo José dos Santos, vereador do município de Coqueiro Seco, no estado de Alagoas. Em 2 de fevereiro de 1993, a câmara municipal aplicou-lhe uma suspensão de suas atividades por trinta dias porque ele havia declarado num programa de rádio que era bissexual. Ele foi acusado de “praticar atos incompatíveis com o decoro parlamentar”. Quando terminou o período de sua suspensão, ele não foi readmitido e teve de pleitear a ordem de um juiz para que pudesse reassumir o posto na câmara. No dia seguinte, ele foi seqüestrado. Seu corpo foi encontrado em 16 de março. Seus braços e a cabeça haviam sido amputados e o cadáver queimado. Apesar de cinco homens terem sido presos nesse caso, incluindo o prefeito da cidade, eles foram inocentados de qualquer envolvimento no assassinato. Ninguém foi punido por este crime.³²

³¹ GODOY, Marcelo. Justiça reduz pena de matador de travesti. *Folha de S.Paulo*, 9 de outubro de 1994, p.4.

³² US. Congress, House, Senate, Committee on Foreign Relations and International Relations. *Country Reports on Human Rights Practices for 1993*. Elaborado pelo Departamento de Estado, 105º Cong., 1ª sess., Joint Committee Print, 1997, pp.372-73; *Country Reports on Human Rights Practices for 1995*. Elaborado pelo Departamento de Estado, 104º Cong., 2ª sess., Joint Committee Print, 1996, p.348; *Country Reports on Human Rights Practices for 1993*. Elaborado pelo Departamento de Estado, 103º Cong., 2ª sess., Joint Committee Print, 1994, p.376; ANISTIA INTERNACIONAL NOVA YORK. *Breaking the Silence: Human Rights violations Based on Sexual Orientation*. Nova York, Amnesty International Publications, 1994, pp.13-14; Dignidade, Grupo de Conscientização e Emancipação Homossexual. *News from Brazil*, nº 2, junho de 1994, pp.2-3; Reclamando nossos direitos, *Jornal Folha de Parreira* 3, nº 25, Curitiba, maio de 1995, p.2.

Mais amor e mais tesão

A segunda onda

Apenas seis organizações participaram no *Terceiro Encontro Nacional de Homossexuais*, realizado em janeiro de 1989 no Rio. De qualquer forma, novos grupos tomaram parte. Um desses grupos, Atobá, fundado em 1985, depois do assassinato de um jovem, juntou lésbicas e gays num subúrbio do Rio, longe dos bares e boates da classe média da Zona Sul. Nos próximos quatro anos, encontros anuais nacionais atraíram um número cada vez maior de grupos. Durante o Sétimo Encontro Nacional de Gays e Lésbicas, realizado em janeiro de 1985, representantes de mais de 30 organizações fundaram a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis. Embora a maioria dos grupos ainda seja pequena, a formação de uma organização nacional com afiliados em todas as regiões do país reflete um crescimento dinâmico do movimento.

Alguns acontecimentos colaboraram para o ressurgimento do ativismo gay e lésbico depois do estabelecimento de um regime democrático em 1985. Vários movimentos sociais e o Partido dos Trabalhadores começaram a questionar como democratizar a participação numa sociedade civil. Ativistas do movimento feminista, grupos de bairro e a esquerda argumentaram que uma verdadeira democracia implicava respeito para cidadãos comuns. Além disso, o movimento pelo *impeachment* do ex-presidente Collor reforçou a importância da mobilização para conseguir objetivos políticos.

Estas experiências politizaram muitos gays e lésbicas. Eles integraram-se a grupos existentes como uma forma de apoio, conscientização e debate. Eles também procuraram conseguir a plena cidadania para os gays, lésbicas e travestis na luta contra a homofobia, violência e discriminação. As lésbicas assumiram um papel de direção na liderança do movimento, levantando uma luta em 1993 para aumentar a visibilidade lésbica através da mudança do nome do encontro nacional anual para Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais. Em setembro de 1997,

ativistas lésbicas reuniram-se em Salvador para uma conferência de quatro dias, o Segundo Seminário Nacional de Lésbicas, que enfocou questões de saúde e cidadania. Este encontro inspirou a organização de eventos similares nos anos seguintes.

Ao mesmo tempo, a mídia aumentou a discussão sobre homossexualidade, e atividades do movimento internacional afetaram o debate dentro do país. Todos os grandes jornais, revistas e programas de televisão cobriram as paradas gays internacionais, debates sobre os gays e as lésbicas nos Estados Unidos e na Europa e sobre a AIDS. Programas de entrevistas promoveram os poucos ativistas dispostos a assumir publicamente para discutir a homossexualidade de uma maneira aberta e franca. Cantores famosos, como Renato Russo, anunciaram sua homossexualidade e apoiaram o movimento.

Houve também uma mudança na auto-identidade das pessoas que mantêm relações sexuais com pessoas do mesmo gênero. Embora muitos brasileiros ainda pensem em termos de papéis sexuais ativo e passivo, as identidades gays e lésbicas similares às dos Estados Unidos e Europa são cada vez mais comuns, especialmente entre a classe média dos grandes centros urbanos. Em 1980, Somos rejeitou a palavra “gay” por causa de sua associação estreita com o movimento americano. Hoje em dia, o termo inglês é usado amplamente entre os homossexuais e as lésbicas, e pela mídia. Porém, assumir na família ou no trabalho, especialmente entre homens não afeminados e mulheres não masculinizadas, não é tão comum quanto na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo assim, cada vez mais ativistas aparecem nos jornais, nas revistas e na televisão, tentando romper o código cultural que diz “pode fazer o que você quiser, mas não diga nada a ninguém”.³³

³³ A frase “pode fazer o que você quiser, mas não diga nada a ninguém”, em geral, expressa uma tolerância mediada, e reflete a vergonha sentida se um amigo ou parente descobre que um membro da família é gay ou lésbica.

Mais amor e mais tesão

Além de aumentar o número de pessoas que se envolveram no movimento buscando informação e apoio, o crescimento de ONGs voltadas a prevenção do HIV-AIDS aumentou os recursos e infra-estrutura do movimento. Grupos aprenderam a pedir verbas tanto para os governos estadual e federal, quanto para organizações internacionais. Esses recursos ofereceram a possibilidade de alugar locais que também servem de ponto de reunião dos ativistas gays e lésbicas.

O crescimento do PT como organização que unificou os movimentos sociais e grupos de esquerda também politizou ativistas gays. O PT tornou-se o ponto de referência para a maioria destes ativistas, como um dos poucos partidos políticos que criticavam o *status quo*. Durante os anos 80, o PT foi o único partido que incluiu os direitos de gays e lésbicas em seu programa. Ativistas gays formaram um grupo dentro do PT para educar seus membros sobre as questões do movimento, porém, a aliança do PT com a base da igreja católica obrigou Lula a retirar seu apoio à união civil para homossexuais na campanha presidencial de 1994.³⁴ A introdução da proposta de parceria civil por Marta Suplicy em 1995, em certa medida, recuperou o prestígio do PT como um partido que defende os direitos de gays e lésbicas.

O movimento tem se expandido em outras áreas importantes. Dirigentes de sindicatos começam a exigir benefícios para parceiros domésticos em planos de saúde. Em abril de 2000, aconteceu o Primeiro Encontro Nacional de Gays e Lésbicas da CUT, para reivindicar que o movimento sindical incorpore as questões levantadas pelo movimento.

Travestis também se destacaram dentro do movimento nos últimos anos. Desde os anos 60, travestis, muitos trabalhando como prostitutas, tornaram-se mais visíveis nas ruas dos maiores centros urbanos. Hormônio e silicone aumentaram as

³⁴ Lula se reúne com presidente da CNBB e diz que reconhecimento dos direitos de homossexuais também não será tratado. *Folha de S.Paulo*, 13 de Abril de 1994.

possibilidades que homens que se identificam como mulheres transformem seus corpos. Embora os travestis sejam um alvo dos assassinos, durante muitos anos sua participação no movimento foi quase inexistente. Em maio de 1993, a Associação de Travestis e Liberados realizou seu primeiro encontro nacional no Rio, com a participação de mais de 100 pessoas do Rio, São Paulo e outros estados. Representantes de outros grupos recém-organizados convergiram ao Sétimo Encontro Brasileiro de Lésbicas e Gays em janeiro de 1995, reivindicando sua incorporação ao movimento. Como resultado, o nome da organização fundada neste encontro – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – refletiu essa participação ampliada.

Guias turísticos internacionais dirigidos a gays e lésbicas anunciam numerosos bares, boates, praias, bailes carnavalescos e diversas publicações. Porém, visibilidade e folia não necessariamente produzem ativistas. Apesar de todos os sucessos da organização conseguidos nos últimos anos, como a parada gay de São Paulo de 110 mil pessoas, em junho de 2000, o movimento ainda está fraco, envolvendo apenas uma porção reduzida dos milhões de gays, lésbicas e travestis brasileiros. Atualmente, existem mais de 60 grupos de gays e lésbicas no país, e um número comparável de organizações dirigidas a assuntos da AIDS, mas a maioria destes grupos é pequena, composta de apenas 30 a 50 membros. Somente uma dúzia de organizações acumula recursos e membros suficientes para sustentar sedes, infraestrutura e oferecer líderes para dirigir o movimento ao nível nacional.

Uma pesquisa realizada em maio de 1993, com amostragem de dois mil homens e mulheres brasileiros, revelou um persistente desconforto diante da homossexualidade. Embora 50% confirmassem ter contato diário com homossexuais no trabalho, em sua vizinhança ou nos bares e clubes que freqüentava, 56% admitiu que mudaria seu comportamento em relação a um colega caso descobrisse que ele ou ela era homossexual. Um em cada cinco romperia de vez o contato com essa pessoa. Dos

Mais amor e mais tesão

entrevistados, 36% não empregaria um homossexual, mesmo que ele ou ela fosse a pessoa mais qualificada para o cargo, e 79% não aceitaria que seu filho saísse com um amigo gay.

Dr. Arnaldo Dominguez realizou uma pesquisa reveladora em São Paulo em 1991, enviando 200 questionários a clínicas e psicólogos e 600 a homossexuais. Entre os médicos, 30% consideraram que a homossexualidade merecia condenação; 70% achavam a bissexualidade uma anomalia; 50% disseram não estarem preparados para conversar sobre o assunto se pacientes homossexuais viessem a seus consultórios.

Mudanças dramáticas no movimento ocorreram desde a sua fundação no final dos anos 70. O movimento agora é mais aberto à diversidade política e ideológica. Ativistas de organizações da esquerda como o PT e o PSTU são considerados integrantes legítimos do movimento. Embora as organizações não tenham endossado candidatas, a maioria dos ativistas apoiou o PT ou outro partido da esquerda nas eleições. Isto não quer dizer, contudo, que o movimento tenha dotado mecanicamente a retórica, análise, ou métodos de organização da esquerda. Faixas coloridas, milhares de balões e as bandeiras do arco-íris geralmente ressaltam a participação gay e lésbica em manifestações políticas. Grupos de conscientização – uma herança do movimento feminista e do pedagogo Paulo Freire – são um instrumento básico para a organização interna do movimento. Lésbicas, embora ainda numericamente minoritárias dentro do movimento, desempenharam um papel destacado em sua liderança. Um pequeno, mas significativo número de travestis, politizados por suas experiências com a polícia, conseguiu conquistar espaço dentro do movimento.

Se no passado as atividades políticas eram realizadas por indivíduos corajosos e grupos isolados, agora o movimento desenvolve campanhas nacionais coordenadas contra a violência e a favor da parceira civil e da legislação anti-discriminatória. A mídia tem dado mais cobertura aos assuntos relacionados à comunidade gay e lésbica; algumas novelas de televisão retratam

de maneira positiva figuras homossexuais. O movimento internacional tem um impacto significativo no Brasil, com alguns dirigentes viajando para os Estados Unidos, Europa e América Latina para participar em reuniões e conferências internacionais. A Associação Internacional de Gays e Lésbicas, através da realização de sua 17^a *Conferência Internacional*, no Rio em 1995, e da *Conferência Latino-americana*, em 2000, facilitou um intercâmbio proveitoso entre delegados brasileiros e participantes de outros países.

Em agosto de 1964, Gigi Bryant, um dos membros da rede social que editava *O Snob*, concluiu uma série em sete partes sobre a “arte de caçar”. Num de seus artigos, ele descreveu o maracanãzinho, que abrigava eventos como *Holiday on Ice* e os Concursos de Miss Brasil. Depois de ridicularizar os membros dos grupos que freqüentavam esses *shows*, Gigi brincou dizendo que “como vêm a afluências do *top-set* bichal para o maracanãzinho tende a torná-lo futuramente o centro social da numerosa classe”. E ele ainda caçoou:

é bem possível que em dias melhores tenhamos o I Festival de Entendidos, convergindo representantes de outras nações ao nosso país. O que seria uma grande publicidade. E uma grande utopia, também.³⁵

Em 1964, as previsões de Gigi eram motivo para risos. Contudo, trinta anos depois, seus comentários provaram-se incrivelmente premonitórios.

³⁵ BRYANT, Gigi. Da Arte de Caçar. *O Snob* (2), nº 10, 15 de agosto de 1964, p.6. (capítulo 7 - Clube de Campo Gay.)